

Da prática dos móveis, aos móveis práticos

Ao entrar na oficina de Pedro Costa, é quase impossível não sentir o ambiente rústico em que este marceneiro/restaurador de 47 anos trabalha.

Deparámo-nos com tipos de madeira da maior qualidade (ébano, carvalho, mogno) e móveis bastante elaborados. A oficina é ampla, possui duas bancadas de trabalho, com variadíssimas ferramentas, tais como formões e plainas. Cada bancada possui um torno, com o qual Pedro Costa aperta a madeira. É impossível entrar na sua oficina e não reparar no cheirinho a madeira tão característico. Um outro cheiro que entra imediatamente pelas nossas narinas, um pouco mais difícil de reconhecer, mas que Pedro Costa logo nos esclareceu, é o da goma laca, também tão presente no dia-a-dia de um marceneiro. Não tão imediato, mas bastante visível são aqueles “canudos” de madeira espalhados pelo chão, resultado da utilização da plaina na madeira. A sua oficina também têm algumas máquinas que facilitam bastante o seu trabalho.

Marcenaria e Restauro

FIG1. Pedro Costa a trabalhar na sua oficina



Os móveis que chegam às mãos de um marceneiro são aqueles que temos em casa, e Pedro Costa não foge à regra. Tem na sua oficina cómodas, mesas, camas, cadeiras. As cadeiras são, na sua opinião as mais difíceis de restaurar. Diz que por vezes quase enlouquece quando alguma “cadeira não cola”. O trabalho de marceneiro por vezes depende das condições climáticas. “A humidade por vezes dificulta o trabalho...”.

Para que um móvel seja considerado antiguidade é preciso ter mais de 100 anos! Imagine-se que Pedro Costa já teve nas suas mãos um contador indo-português do século XVII! Para além disso deve ter sido feito com madeiras

nobres e ter sido realizado por um bom marceneiro.

Quando o móvel chega à oficina de um restaurador há uma liturgia a realizar. O restaurador observa antes de começar o trabalho. É preciso avaliar os danos, ver de que tipo de madeira se trata, como é a estrutura do móvel, quantos tipos de estragos existem, e se o restauro vale a pena ou não. Afinal o restaurador é um artista mas não um super heróis dos móveis!

Foi adereçado com um avental típico de marceneiro, fazendo-nos logo lembrar “Gepêto” do clássico “Pinóquio”, que Pedro Costa mostrou o trabalho que estava a realizar. É com orgulho que fala da peça em questão, “é uma miniatura de uma papeleira portuguesa do século XIX”.



Fig2. Pedro Costa a restaurar uma miniatura de uma papeleira

É impressionante como os móveis chegam à oficina de um restaurador e como de lá saem!

“Esta papeleira chegou às minhas mãos num estado lastimável, estava toda desmanchada e com peças soltas.”

Se uma pessoa não vir o móvel como entrou na oficina de um restaurador, e

se apenas vê o resultado final, nem se apercebe que alguma vez a peça esteve danificada. É mesmo essencial ver o antes e o resultado final. É de ficar de boca aberta! Como se os passos realizados fossem invisíveis. Os móveis, depois de restaurados voltam à vivacidade que um dia tiveram, deixando de ser aquele “mono” que parecia já nem ter solução. Assim se recuperam muitos móveis de valor, nem que seja sentimental.

Pedro Costa explica-nos os procedimentos que vai utilizar para restaurar a papeleira:” O que vou ter de fazer com ela é voltar a fachiar, ou seja, pôr umas placas de pau santo. Isto porque aquela estrutura tem de ser toda revestida com pau santo e embutidos de pau rosa e bucho. Vou ter de fazer este trabalho exactamente como se fazia na época. Não posso, portanto, usar máquinas, e o acabamento terá de ser com os produtos da época porque se vou usar produtos sintéticos posso estragar alguma peça.”

Estas miniaturas, serviam para os aprendizes de marcenaria, ao fim de quatro anos, prestarem prova para com o seu mestre.

“Prova essa, que eu próprio fiz. Acho que hoje em dia já ninguém faz isso...” esclarece Pedro Costa.

Uma peça destas demora sensivelmente 3 a 4 semanas a realizar e pode custar entre os 1200 e os 1500 euros. Pedro Costa admite que este não é dos trabalhos mais complicados. “Quando se trata de trabalhos como por exemplo os que tenham embutidos com motivos florais é mais complicado. Neste uso placas que são aplicadas aproveitando



Fig3. Cómida com embutidos florais

O ofício de restaurador de móveis apareceu quando a sociedade se apercebeu da vantagem em comprar peças únicas e de qualidade, em vez de móveis resultantes da fabricação em série. Não se sabe ao certo o momento exacto da origem deste ofício.

As pessoas sempre recorreram ao marceneiro para obterem móveis ou ao restaurador para reparar os estragos. Ao contrário dos dias de hoje, antigamente não havia o hábito de comprar e deitar fora. Possivelmente este facto levaria muita gente a pensar que os ofícios de marceneiro e restaurador tenderiam a

desaparecer. A realidade é que há ainda alguns resistentes como Pedro Costa, que acabam por trabalhar peças só para colecionadores.

Um dos clientes mais antigos de Pedro Costa é Mário Roque, que possui uma galeria de antiguidades, a “São Roque”, em S. Bento, Lisboa.

Mário Roque afirma, em relação ao desaparecimento dos ofícios de marceneiro e restaurador, face à nova política do comprar e deitar fora, que não verifica de modo nenhum tal facto. “ O público que compra antiguidades actualmente, é cada vez mais conhecedor e exigente, pelo que é essencial bons profissionais nessa área.” Mário Roque diz ainda, “(..) não é uma arte apreciada por muitos mas quem gosta, gosta muito. Quanto mais antigo for o móvel mais perícia e atenção o restaurador deverá ter.”

O restaurador tenta ao máximo fazer as reparações mínimas para que o móvel conserve as suas formas e peças originais. Mas por vezes há que fazer algo de novo.

Há duas opiniões divergentes quanto a esta situação: uns dizem que se deve notar a peça restaurada, vendo que não é original e outros que não se deve notar que a peça não é original.

Pedro Costa segue mais esta segunda opinião, tentando ser o mais fiel possível.

O restaurador possui sensibilidade, conhecimentos de história, respeito e amor pelas antiguidades.

Para completar todo este leque de



Fig4. cópia de uma peça original

qualidades, e talvez também porque tenha sentido algum decréscimo na procura dos seus serviços, Pedro Costa está a tirar um curso de História da Arte.

Assim para além de ocupar algum tempo livre, ainda complementa as suas habilitações.

O restaurador não sabe apenas como se constróem móveis, tendo de saber de todo o tipo de uniões, de folheados e acabamentos.

Deverá conhecer a evolução e a história da construção de móveis, para poder então restaurá-los. Por vezes, há ainda peças como as ferragens, (dobradiças, puxadores, fechaduras, espelhos, etc.) que não são propriamente da competência do restaurador, mas que este terá de procurar para incluir nos seus trabalhos.

Um potencial concorrente ou concorrente potencial?

Ingvar kamprad fundou o IKEA, na Suécia, numa cidade do sul, chamada Elmtayd.

Foi em 1943, após o pai lhe ter oferecido uma pequena quantia de dinheiro que Ingvar decide criar o IKEA.

O nome provem das iniciais do seu nome, Ingvar KAMPRAD , e das iniciais da quinta e aldeia onde nasceu (ELTARYD E AGUNNARYD).

Foi em 2004 que o IKEA chegou a Portugal, abrindo duas lojas, uma em Alfragide e outra em Matosinhos.

A chegada desta grande superfície podia levar muitos a pensar que os ofícios de marceneiro e restaurador tenderiam a desaparecer. No entanto, como diz Mário Roque “(...)de maneira nenhuma se verifica esta tendência.” “Em paralelo às grandes superfícies vão concorrer todas as outras opções personalizadas e individualizadas (antiguidades e outras épocas).”

Efectivamente estas grandes superfícies vão concorrer com restauradores e principalmente com os marceneiros. Os seus móveis são mais baratos e com um design inovador e moderno(linhas direitas e práticas). Comparando com móveis antigos restaurados ou com mobiliário feito por marceneiros

artesanamente com o mobiliário do IKEA, é possível verificar que os primeiros apresentam uma qualidade maior. “O IKEA já é a parte sem macenaria, é industrial, sendo tudo feito com máquinas. Não tem lá um homem individualmente a fazer as peças.”

Verificou-se uma democratização do mobiliário, ocorrendo modificações no modo de fabrico. A compra de móveis, que antigamente era para as pessoas com maior poder de compra, hoje em dia torna-se acessível a toda gente. “(...) não se pode pedir que façam móveis com a qualidade de outros tempos, isso não é possível.”

Pedro Costa fez uma comparação interessante, para que entendesse-mos melhor esta questão. Com a indústria automóvel, em Inglaterra passa-se o mesmo: “a Rolles Royce ainda hoje faz os carros à mão e isso só é para alguns. Se quisermos comercializar para todo o mundo, não pode ser.”

O aparecimento do IKEA foi “a machadada final”, como diz Pedro Costa, para o decréscimo do seu negócio.

“Antigamente, mais ou menos há 40 anos, havia o hábito das pessoas quando se casavam mandarem fazer os móveis do quarto.” Eu conheci velhos marceneiros que faziam isso, aqueles

típicos portugueses, chamados móveis Dona Maria, com embutidos muito bonitos, feitos à mão.”

Hoje em dia o que se verifica é que as pessoas vão ao IKEA e compram os móveis todos da casa. “(...)as pessoas adquiriram outros gostos habituando-se. O IKEA é o paradigma máximo da massificação, que por um lado é compreensível. Para o meu lado não é assim tão compreensível, mas eu tenho a sorte de contrabalançar isso com os trabalhos de restauro.”

É esta massificação como fenómeno social que leva as pessoas a aderirem às grandes superfícies que vendem mobiliário mais barato. Comparando preços é possível verificar que com a compra de um móvel produto de manufactura era possível comprar móveis, no IKEA, para uma sala. Pedro Costa dá até um exemplo desta tendência: “uma amiga minha adora uma vitrina que tenho em minha casa e sempre que cá vinha falava dela. Quis que eu lhe fizesse uma igual. Eu dei o meu orçamento e a resposta foi, para isso vou ao IKEA!”

Há outros factores que vão contribuir para esta adesão, mudança de preferências e de hábitos de consumo, sem ser o baixo preço das grandes superfícies. De certo modo, no caso de Portugal, as pessoas estão mais abertas

à inovação. Mário Roque reforça esta ideia afirmando que “os portugueses estão cada vez mais abertos a novas culturas. A grande facilidade de circulação entre os diferentes países, a comunicação social e o acesso à Internet vieram influenciar os gostos e preferências, principalmente nestes últimos 10 a 15 anos.” Na sua loja de antiguidades aposta-se na inovação e na mistura de antiguidade e contemporaneidade, demonstrando-se adaptável ao gosto pela mistura de estilos dos consumidores.

A emergência das grandes superfícies de móveis produzidos em série com a utilização de máquinas acaba, assim por

As antiguidades ainda têm muitos adeptos e aficcionados, que contribuem para em larga escala para a sua sobrevivência. “(...) de um modo geral a dita "Sociedade Portuguesa" prefere comprar um móvel novo. No entanto existe também um grande número de portugueses a adoptar outras atitudes: as antiguidades, as velharias, a reciclagem ou transformação”.

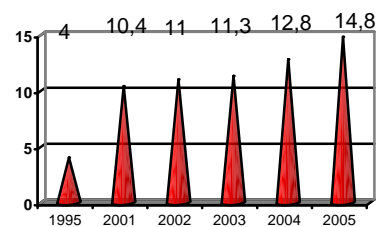
O IKEA e o ambiente

Actualmente, na China, são fabricados 100 mil móveis de sala, em pinho, para o IKEA. A madeira é proveniente da Rússia, sendo que, uma boa parte do corte de árvores é ilegal. O maior fornecedor de móveis, do IKEA é a China e o fornecimento de madeira por parte da Rússia corresponde a um quinto do seu fornecimento mundial. Para garantir que o corte de madeira que proporciona estas quantidades não é ilegal, o IKEA manda especialistas para os locais em questão. O problema está talvez no facto de que envia apenas dois para a China e uma para a Rússia, uma vez que enviando mais, os preços dos móveis subiriam. Contrastando com este facto, o IKEA promove uma imagem de defesa do ambiente.

se tornar um mundo paralelo ao das antiguidades e manufacturas.

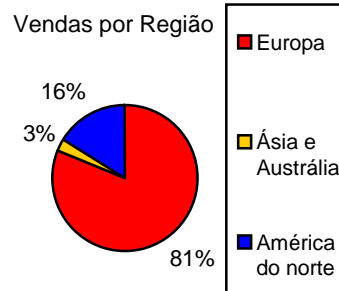
O IKEA e as suas vendas

Vendas do IKEA



Doc.1- vendas do IKEA em bilhões de euros.

No período de 1995 a 2005 as vendas do grupo IKEA subiram drasticamente, passando de 4 para 14,8 bilhões de euros.



Doc.2-vendas por região em percentagem

No regiões consideradas (Europa,